

**PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO DA VITIVINICULTURA EM FACE DO
RECONHECIMENTO DA INDICAÇÃO DE PROCEDÊNCIA VALES DA UVA
GOETHE**

**PERSPECTIVES VITIVINICULTURE DEVELOPMENT IN VIEW OF THE
RECOGNITION OF GEOGRAPHICAL INDICATION VALES DA UVA GOETHE**

Adriana Carvalho Pinto Vieira¹, Melissa Watanabe², Kelly Lissandra Bruch³

¹ Universidade Extremo Sul Catarinense - UNESC – Criciúma/SC – Brasil

dricpvieira@gmail.com

² Universidade Extremo Sul Catarinense – UNESC – Criciúma/SC – Brasil

melissawatanabe@unesc.net

³ Faculdade Meridional – IMED - Passo Fundo/RS – Brasil

kellybruch@gmail.com

Resumo

A abertura de mercados e a circulação acelerada das mercadorias requereram novas formas de regulação entre os diferentes países e a definição de regras em nível internacional de natureza pública. Ao longo das últimas décadas vem se estabelecendo um contexto institucional – regras e normas de comércio, exigência dos consumidores, tecnologia utilizada, políticas gerais e setoriais e traços culturais que condicionam a economia e a sociedade – que já condiciona e que continuará condicionando, de forma substancial, a dinâmica produtiva e tecnológica de todas as cadeias produtivas do agronegócio. Novos nichos de mercados foram surgindo, adquirindo estratégias de valorização do produto. A noção de indicações geográficas (IG) foi surgindo de forma gradativa, quando produtores e consumidores passaram a perceber sabores ou qualidades peculiares em alguns produtos que provinham de determinados locais. Nesse contexto, as IG estão inseridas no movimento global de segmentação dos mercados, valorizando os recursos territoriais.

Palavras-chave: propriedade intelectual, desenvolvimento econômico, agronegócio, qualidade.

Abstract

The opening of new markets and the speed movement of goods required new ways of regulation among different countries and definition of international rules of public nature. During the last decades an institutional context is establishing – rules and standards of trade, consumer demands, technology used, general and sectorial policies and cultural traits that condition economy and society – that already conditions and will continue to condition, on a substantial way, the productive and technological dynamics of all production chains in the agribusiness. New niche markets have emerged, providing strategies to value the product. The notion of geographical indication (GI) emerged gradually, when producers and consumers started to perceive flavors or peculiarities in some products coming from particular places. In this context, the GI are inserted on the global movement of market segmentation, valuing territorial resources.

Key-words: intellectual property, development, agribusiness, quality.

1. Introdução

A abertura de mercados e a circulação acelerada das mercadorias requereram novas formas de regulação entre os diferentes países e a definição de regras internacionais. Ao longo das últimas décadas vem se estabelecendo um contexto institucional – regras e normas de comércio, exigência dos consumidores, tecnologia utilizada, políticas gerais e setoriais e traços culturais que condicionam a economia e a sociedade o que se reflete na dinâmica produtiva e tecnológica de todas as cadeias produtivas do agronegócio (BUAINAIN & VIEIRA, 2010).

De um lado, a demanda é crescente e as perspectivas de médio e longo prazo são extremamente favoráveis, como indica o documento Perspectivas Agrícolas 2010-2019 (FAO, 2011); de outro, a concorrência está mais acirrada e sustentar a competitividade e o desenvolvimento exige investimentos contínuos e o atendimento a um conjunto cada vez mais abrangente de regras, formais e informais. A economia mundial globalizada é ao mesmo tempo (pseudo) liberal e cada vez mais fortemente regulada. Os acordos internacionais, a maioria com pelo menos alguns mecanismos de *enforcement*, cobrem praticamente todos os

aspectos da vida econômica e social. Nesse contexto de concorrência e regulação, as regras são ao mesmo tempo exigência e oportunidade. (BUAINAIN & VIEIRA, 2010).

Novos nichos de mercados e estratégias de valorização do produto têm surgido. A noção de indicações geográficas (IG), por exemplo, aflorou e se consolidou de forma gradativa, quando produtores e consumidores passaram a perceber sabores ou qualidades peculiares em alguns produtos que provinham de determinados locais, e quando pessoas inidôneas buscaram se aproveitar desta reputação falsificando produtos em face de sua procedência (BRUCH, 2011).

Nesse contexto, as IG estão inseridas no movimento global de segmentação dos mercados, valorizando os recursos territoriais. (CERDAN *et al*, 2010). Desta forma, a IG deve ser pensada como uma ferramenta de ocupação harmoniosa do espaço cultural, aliando a valorização de um produto típico e seus aspectos históricos e culturais, a conservação da biodiversidade e o desenvolvimento rural (MAPA, 2011).

O objetivo de uma IG é distinguir um produto ou serviço de seus semelhantes ou afins, porque este apresenta características de uma determinada região, reflexo dos fatores humanos e naturais. Para regulamentar a matéria, firmou-se diversos acordos internacionais, sendo que o principal deles – e do qual o Brasil é signatário - é o Acordo sobre Direitos de Propriedade Intelectual relacionados ao Comércio (TRIPS). Adequando seu marco regulatório internamente, após a Rodada Uruguai, foi promulgada no Brasil a Lei nº 9.279/96, que regulamenta a propriedade industrial, sendo que em seus artigos 176 a 182 se tratou das indicações geográficas. O Instituto Nacional de Propriedade Intelectual (INPI) definiu os procedimentos para seu registro por meio da Resolução nº 75/2000.

Como não basta olhar o ambiente macro sem compreender que impactos este pode causar no micro, para o presente trabalho analisa-se especificamente a vitivinicultura em um estado brasileiro, denominado Santa Catarina, com foco notadamente nos Vales da Uva Goethe, região de Urussunga e Pedras Grandes. O objetivo desta análise é verificar como o reconhecimento de uma Indicação de Procedência pode contribuir para desenvolver a economia da região. O artigo tem como objeto, portanto, verificar os efeitos positivos deste

reconhecimento e sua relação com o desenvolvimento dos vinhos elaborados na região dos Vales da Uva Goethe.

2. Valorização do local em um mundo globalizado

Com a mundialização, cada vez mais tem se imposto ao agronegócio brasileiro uma revisão completa de suas práticas e conceitos. Não há mais espaço para entender a propriedade rural apenas como um modelo fornecedor de matéria prima, isolada. O agronegócio passou a ser encarado como um sistema, abrangendo desde a pesquisa, os insumos, tecnologias de produção, transporte, processamento, à distribuição, preço e consumidor final. O produtor rural precisa reconhecer-se dentro dessa complexidade.

A sociedade brasileira passou por transformações que apontam para a integração crescente de sua atividade produtiva e de seu mercado interno ao sistema internacional. Tal tendência demanda crescente articulação intra, inter e multi setorial na busca por competitividade sistêmica e desenvolvimento sustentável. O agronegócio brasileiro vem apresentando resultados significativos na balança comercial, a qual depende de forma crescente deste e de sua dinâmica internacional. De acordo com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA, o agronegócio brasileiro provou que é uma atividade próspera, segura e rentável. Tem-se um clima diversificado, chuvas regulares, energia solar abundante e quase 13% de toda a água doce disponível no planeta. O Brasil engloba 388 milhões de hectares de terras agricultáveis férteis e de alta produtividade, dos quais 90 milhões ainda não foram explorados. Esses fatores fazem do Brasil um lugar de vocação natural para o agronegócio (MAPA, 2011).

A fruticultura é um ramo promissor, que está entre os principais geradores de renda, emprego e desenvolvimento rural do agronegócio nacional (BUAINAIN & BATALHA 2007). Os índices de produtividade e os resultados comerciais obtidos nas últimas safras são fatores que demonstram não apenas a vitalidade como também o potencial desse segmento produtivo. Atualmente, existem pelo menos 30 grandes polos de produção de frutas espalhados por todo o país.

Infere-se que o Brasil tem grande potencial para colocar seus produtos no mercado nacional e internacional, com qualidade e sanidade, comercializadas de maneira adequada, a preços competitivos, principalmente em decorrência das exigências dos mercados internacionais. Para ampliar a participação brasileira no mercado internacional, é necessário, contudo, adaptar-se às exigências fitossanitárias e de segurança dos alimentos vigentes na maior parte dos países importadores de frutas, superar os encargos tarifários, conquistar escala de produção e comercialização, bem como conquistar a confiança e credibilidade do consumidor (BUAINAIN & BATALHA, 2007). A vitivinicultura segue as regras do agronegócio, e a estas precisa se adaptar.

Embora tenha se iniciado tímida e com muitos entraves, conforme conta a história desta cultura, a vitivinicultura brasileira hoje pertence ao chamado novo mundo vitivinícola, juntamente com Chile, Argentina, Estados Unidos, África do Sul, Austrália e outros, cuja base de produção está em variedades importadas dos tradicionais países produtores de vinhos da região mediterrânea. Todavia, há também variedades cuja adaptação e qualidade dos vinhos a que dão origem se destacaram em determinadas condições específicas. Nas últimas décadas, a viticultura brasileira tem apresentado um significativo crescimento, principalmente, em decorrência da expansão da área cultivada e da melhoria na tecnologia de produção de uvas e elaboração de vinhos, em diversas regiões brasileiras (Figura 1).

A viticultura é atividade tradicional em nove regiões brasileiras. Como zonas de viticultura temperada destacam-se as regiões da Fronteira, Serra do Sudeste, Serra Gaúcha, Campos de Cima da Serra e regiões Central e Norte do Estado do Rio Grande do Sul; as regiões do Vale do Rio do Peixe, Planalto Serrano e Planalto Norte e Carbonífera, no Estado de Santa Catarina; a região Sudeste do Estado de São Paulo e, a região Sul do Estado de Minas Gerais. A região Norte do Paraná é tipicamente subtropical e as regiões Noroeste do Estado de São Paulo, Norte do Estado de Minas Gerais e Vale do Sub-Médio São Francisco (Pernambuco e Bahia), caracterizam-se como zonas tropicais, com sistemas de manejo adaptado às suas condições ambientais específicas. Atualmente, a viticultura ocupa uma área de, aproximadamente, 80 mil hectares, com vinhedos estabelecidos desde o extremo sul do país, em latitude de 30° 56' 15''S, até regiões situadas muito próximas ao equador, em latitude

de 5° 11' 15''S. A produção de uvas é da ordem de 1,2 milhões de toneladas/ano. Deste volume, cerca de 45% é destinado ao processamento, para a elaboração de vinhos, sucos e outros derivados, e 55% comercializado para consumo *in natura*. Do total de produtos industrializados, 77% são vinhos de mesa e 9% são sucos de uva, ambos elaborados a partir de uvas de origem americana. Cerca de 13% são vinhos finos, elaborados com castas de *Vitis vinifera*. Grande parte da produção brasileira de uvas e derivados da uva e do vinho é destinada ao mercado interno. O principal produto de exportação, em volume, é o suco de uva, sendo cerca de 15% do total destinado ao mercado externo; apenas 5% da produção de uvas de mesa é destinada à exportação e menos de 1% dos vinhos produzidos são comercializados fora do país. O Brasil exporta hoje vinhos para 22 países, dentre os principais Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra e República Tcheca (IBRAVIN, 2012).

Segundo Guerra *et al* (2009), as condições climáticas diferenciadas e solos do Brasil possibilitam um resultado adicional com um enorme potencial de obtenção de produtos com características diferenciadas, aptas a agradarem os diferentes paladares dos consumidores.

Atualmente, o grande desafio da vitivinicultura brasileira é estar aberta ao novo, absorvendo novas tendências e ajustando-se aos novos conceitos e padrões de vinhos estabelecidos pelo crescente mercado consumidor, sem perder sua autenticidade, seu caráter de regionalidade, expressão maior da evolução e das experiências acumuladas através da história desta bebida, que permanecem ajustadas à geografia, aos valores e à cultura da região produtora.

Ainda, o cultivo da uva e a produção de vinho podem se tornar atrativos turísticos através da organização de roteiros temáticos, a exemplo do que já existe no estado do Rio Grande do Sul, especialmente no caso do Vale dos Vinhedos. A paisagem vitícola, as vinícolas artesanais, os vinhos típicos e tradicionais, associados às características locais decorrentes da colonização italiana, são uma alternativa ao turismo massificado de sol e mar (DALCIN, 2008).



Figura 1: Principais regiões vitivinícolas brasileiras

Fonte: IBRAVIN, 2012

3. A relação entre a uva Goethe e a região de Urussanga

Os primeiros imigrantes italianos chegaram a Urussanga em 1878, vindos de Lougarone, Província de Beluno, região de Veneza, em função dos problemas econômicos e políticos decorrentes do processo de unificação da Itália que então se formava. Urussanga significa, em tupi-guarani, "rio de águas frias". Estes colonos começaram a exploração das áreas de terras destinadas a eles sob inúmeras dificuldades. Muito trouxeram, envoltos em musgos para melhor conservarem a humidade, bacêlos de suas vinhas de Lougarone. Estes bacêlos foram o início de todas as culturas de uvas existentes na região. Vencidas as primeiras dificuldades, principalmente contra os índios Xokleng que muito hostilizaram os imigrantes, a colônia prosperou rapidamente. Em 1885 a cidade foi elevada à sede de Distrito de Paz e em outubro de 1900, à categoria de Vila e Município. Todavia, as vinhas trazidas de Veneza não tiveram a mesma sorte, e iniciou-se uma busca por uma *vitis* que se adaptassem a esta nova região.

Em 1851, em Salem, Massachusetts, EUA, Edward Staniford Rogers, realiza trabalhos de hibridação em viticultura. O objetivo era unir a rusticidade e resistência das videiras americanas com o sabor rico e delicado das videiras europeias. Na hibridação de Muscat Hamburg (Black Hamburg) e Carter, obteve 45 seedlings que passaram a ser conhecidos como os "híbridos do Rogers". Ele numerou cada um destes seedlings e o número 1 ele nomeou de "Goethe" em homenagem ao proeminente pensador alemão. Assim, nasceu a variedade Goethe que apresenta 87,5% de genes de variedades de *Vitis vinifera* e apenas 12,5% de genes de videiras americanas em seu genoma, sendo uma variedade com características olfativa e gustativa de moscato (PROGOETHE, 2012). A genealogia da Goethe pode ser melhor observada na Figura 2.

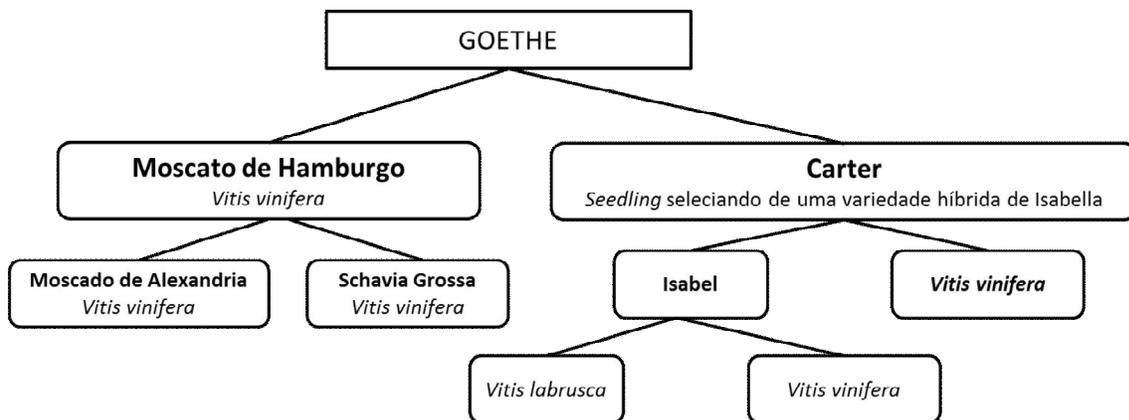


Figura 2: Genealogia da uva Goethe.

Fonte: VELLOSO, 2008.

Não se adaptando as variedades europeias à região, buscou-se outras variedades, americanas e híbridas, para que a cultura da produção do vinho pudesse ser mantida na nova pátria destes colonos italianos. A resposta, depois de muitas tentativas, foi a variedade Goethe, dentre outras, a qual se adaptou à região, onde os solos são ricos em enxofre, elemento decisivo para o desenvolvimento da variedade.

Apresenta-se hoje esta com uma identidade climática, cultural e histórica com os municípios de Urussanga e Pedras Brancas, também denominados de Vales da Uva Goethe. Esse território, localizado entre o mar e as montanhas, apresenta um diferencial de gradientes térmicos: altas temperaturas no verão e massas de ar frio que vêm do Planalto com temperaturas negativas no inverno.

A adaptação da variedade na região às condições locais e características próprias diferenciam-na das outras variedades, a tal ponto que, entre a Goethe Clássica, trazida dos EUA, e a uva que se cultiva hoje – também denominada de Goethe Primo – podem ser observadas características diferenciadas, conforme se verifica na Figura 3 (PROGOETHE, 2012).



Goethe Clássica *Goethe Primo*

Figura 3: Diferenças entre a variedade trazida dos EUA (Goethe Clássica) e a cultivada hoje em Urussanga (Goethe Primo).

Fonte: VELLOSO, 2008.

Entretanto, com a chegada da mineração, muitos dos colonos abandonaram a viticultura e foram trabalhar nas carvoarias¹, em razão dos salários atraentes nas minas e a promessa de aposentadoria após 15 anos de trabalho. Mas para aqueles que permaneceram no campo e preservaram suas raízes e a sua cultura, a uva foi um símbolo de resistência.

Os vinhos brancos de Urussanga fizeram sucesso ao longo do tempo, sendo que um dos apreciadores desse vinho foi o presidente brasileiro Getúlio Vargas, que em 1945 autorizou a instalação de uma estação de enologia na região. Considerando-se a cultura e a tradição desta região no cultivo desta uva e de seus vinhos e derivados, em 2005 se iniciou um movimento para reconhecer esta região com uma indicação de procedência para os vinhos de Goethe. Em 2007 é fundada, sob a denominação de Associação de produtores da uva e do vinho Goethe, a PROGOETHE, que engloba a região compreendida pelos municípios de Urussanga, Pedras Grandes, Morro Da Fumaça, Cocal do Sul, Treze de Maio, Orleans, Nova Veneza, Içara, e todos os produtores de uva e vinho desta região.

Atualmente, são formalmente associados a esta doze produtores de uva e vinho, bem como outros onze estabelecimentos diretamente relacionados com o enoturismo e a enogastronomia. São vinícolas da região, que elaboram vinhos à base de uva Goethe: **Vinícola Mazon** - Fundada na década de 1970 pelos irmãos Genésio e Jayme Mazon, a Vinícola tem

¹ O carvão era embarcado para Companhia Siderúrgica Nacional – CSN, fundada em 1942 por Getúlio Vargas, em Volta Redonda-RJ.

por objetivo seguir a tradição da linha materna da família, os Debiassi, preenchendo uma lacuna no tradicional ramo da vitivinicultura de Urussanga; **Vitivinícola Urussanga** – Proveniente de Longarone, Região do Vêneto, Itália, os Damian estabeleceram-se em Urussanga em fins do século XIX; **Vinícola Quarezemin** - Atua desde 2002 na região; **Vinícola Felipe** – A família é proveniente da região da Toscana na Itália, vindo para a região no final do século XIX. A vinícola é administrada pela terceira geração de imigrantes e preserva até hoje métodos tradicionais ao lado de novas tecnologias. A vinícola possui localização privilegiada, na comunidade histórica de Azambuja, sede da colonização italiana no sul de Santa Catarina e componente do roteiro: Caminhos da Imigração Italiana; **Vinícola Trevisol** - A tradição em produzir vinhos surgiu há mais de 100 anos na família Trevisol. Com parreirais de uva Goethe centenários, a quinta geração continua a fabricar a bebida mais tradicional de Urussanga. Além destas, também cultivam a uva e elaboram vinhos artesanais os associados Rodolfo Della Bruna, Denner Quarezemin, Deivson Baldin, Raul Savio, Rafael Sorato, Márcio Scremin e Antonio de Lorenzi Cancelier (PROGOETHE, 2012).

Além dessas vinícolas, 100 produtores rurais, que também mantêm cantinas artesanais, funcionam informalmente nos tradicionais porões das casas dos descendentes de italianos, produzindo a variedade Goethe.

Segundo levantamento de Stevan Arcari, da Estação Experimental da Epagri em Urussanga, estimou informalmente que a produção anual regional supera 1,5 milhão de garrafas de vinhos de todas as variedades. De *terroir* da região de Urussanga, carro chefe da maioria das cantinas, estimou que a produção não passe de 150 mil garrafas, todas com o nome de Goethe nos rótulos.

Atualmente, a região de Urussanga, através de projetos, busca a melhoria de qualidade de seus vinhos, aprimorando as pequenas vinícolas, realizando pesquisas em torno da variedade de uva Goethe. Principalmente, buscam elaborar a uva Goethe com os mesmos cuidados que uma uva branca vinífera deve receber. O resultado das vinícolas da região são vinhos muito aromáticos, lembrando notas moscatéis, com bom frescor, moderada graduação alcoólica, muito saborosos, para acompanhar peixes e frutos do mar.

Com o objetivo de dar maior visibilidade a seu produto, a Progoethe, juntamente com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE e a Universidade de Santa Catarina – UFSC, fizeram o pedido de reconhecimento da Indicação de Procedência (IP) dos vinhos dos “Vales da Uva Goethe”, no Instituto Nacional de Propriedade Intelectual (INPI). Este foi depositado em 18 de agosto de 2010 sob n. IG201009, na espécie Indicação de Procedência. Neste momento havia sido depositado o pedido de registro sob a forma de signo distintivo misto (Figura 4)



Figura 4 – Signo distintivo misto depositado originalmente no INPI.

Fonte: Progoehte, 2012.

Todavia, em virtude de entendimento do INPI de que no signo distintivo somente poderia figurar em sua parte nominativa “indicação de procedência” e “vales da uva goethe”, a presença de “progoethe” fez com que o pedido caísse em exigência para que o representante legal substituísse a figura, adequando-a à recomendação. Ressalta-se, que não há nenhuma regra objetiva seja na Lei 9.279/1996, seja na IN INPI 75/2000, que disponha sobre o tema. O representante legal optou por retirar o signo misto, alterando o pedido para um signo distintivo nominativo “vales da uva goethe” para indicação de procedência. Nesta forma este foi reconhecido conforme consta na Revista de Propriedade Industrial n. 2145 de 14 de fevereiro de 2012, na forma de signo nominativo, para vinho branco seco, suave ou demi-sec, leve branco seco, suave ou demi-sec, vinho espumante brut ou demi-sec obtidos pelo método “Champenoise” e pelo método “Charmat”, vinho licoroso. Teve como requerente a PROGOETHE, compreendendo a seguinte área delimitada: VALES DA UVA GOETHE, localizada entre as encostas da Serra Geral e o litoral sul catarinense nas Bacias do Rio

Urussanga e Rio Tubarão, compreendendo os municípios de Urussanga, Pedras Grandes, Cocal do Sul, Morro da Fumaça, Treze de Maio, Orleans, Nova Veneza e Içara no Estado de Santa Catarina, Brasil (INPI, 2012), conforme pode ser visto na Figura 5.

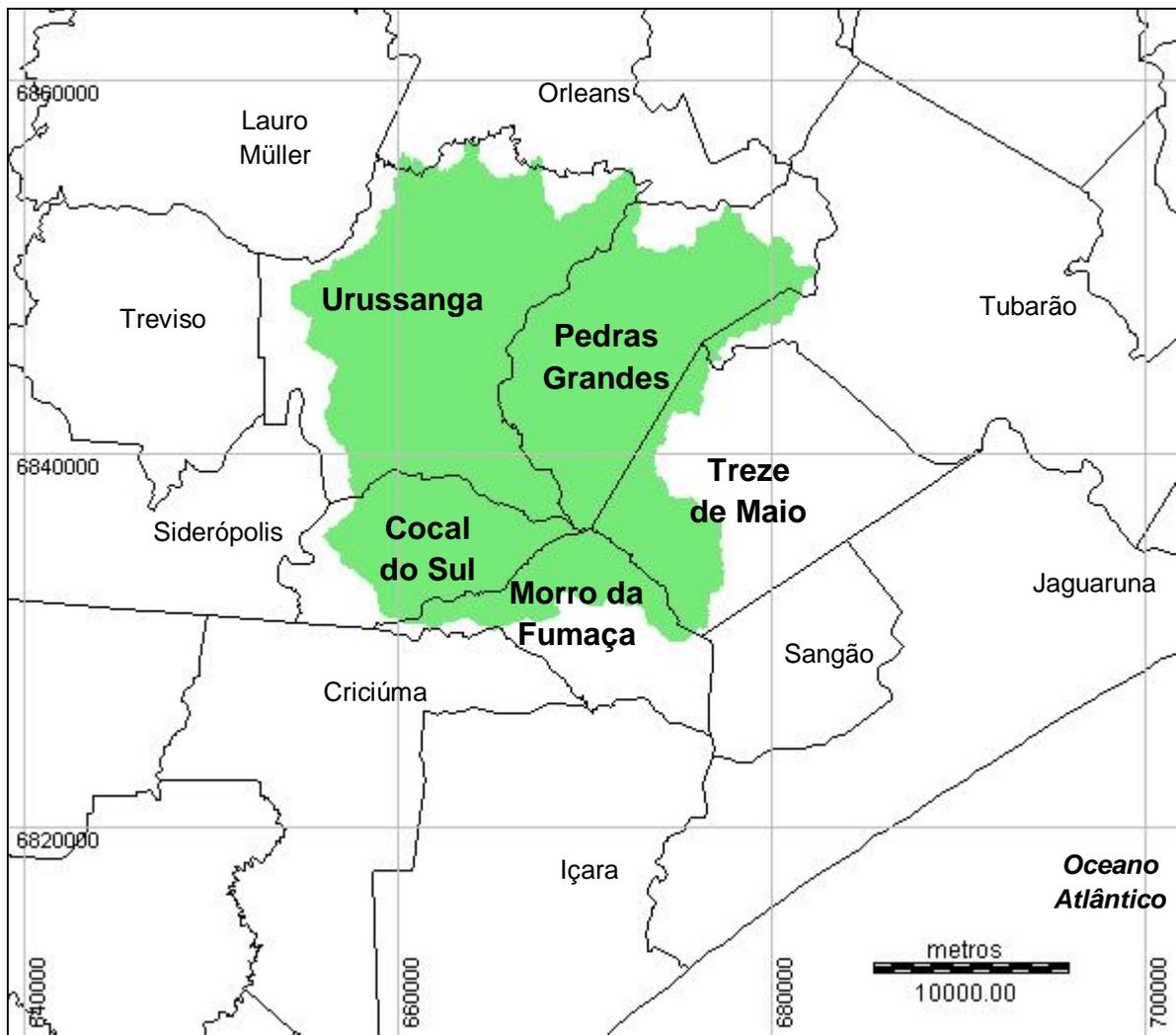


Figura 5 - Municípios pertencentes à área delimitada dos Vales da Uva Goethe.

Fonte: Silva et al, 2011.

Essa região está intimamente ligada à cultura e tradição na produção da uva e vinho Goethe (*savoir faire* ou fator humano), apresentando solos e condições climáticas distintas (fatores naturais). Com o reconhecimento da indicação de procedência, criou um “clima” favorável ao enoturismo em Urussanga. Diante desse cenário, o governo de Santa Catarina

reconheceu a importância dos “Vales da uva Goethe”, em Urussanga, como território único em Santa Catarina, reforçando o pedido da Indicação de Procedência iniciado junto ao INPI.

4. Propriedade intelectual e desenvolvimento: correlações positivas no âmbito da Indicação Geográfica

Os diversos signos distintivos nasceram de um objetivo comum: distinguir a origem (geográfica ou pessoal) de um produto. Posteriormente a especialização fez com que surgissem diversos signos distintivos, dentre os quais as indicações geográficas (BRUCH, 2011). As IG têm sido amplamente utilizadas nos mercados agroalimentares para proteger produtos de diferentes tipos. São fomentadas diversas iniciativas para os produtos considerados locais criem estratégias de diferenciação no mercado a partir das denominações de origem, a exemplo da qualidade do produto, agregação de valor, etc. No setor vinícola as IG estão consolidadas em vários países, em particular na Europa. No Brasil, o INPI já reconheceu vinte e três IG, sendo dezessete indicações de procedência e seis denominações de origem. Todas as indicações de procedência são brasileiras, sendo que das seis denominações de origem duas são brasileiras e quatro estrangeiras. Para vinhos foram reconhecidas: Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Vales da Uva Goethe.

Uma IG pode garantir alguns benefícios econômicos, tais como agregação de valor ao produto, aumento da renda do produtor, acesso a novos mercados internos e externos, inserção dos produtores ou regiões desfavorecidas, preservação da biodiversidade e recursos genéticos locais e a preservação do meio ambiente. Entretanto, ela por si só não garante um sucesso comercial determinado. O reconhecimento de uma IG, em uma região, pode induzir a abertura e o fortalecimento de atividades e de serviços complementares, relacionados à valorização do patrimônio, à diversificação da oferta, às atividades turísticas (acolhida de turistas, rota turística, organização de eventos culturais e gastronômicos), ampliando o número de beneficiários. Assim, cria-se sinergia entre agentes locais, entre o produto ou serviço da IG e outras atividades de produção ou serviço.

Portanto, a aprovação da Indicação de Procedência dos Vales da Uva Goethe, tem levado os produtores e vinícolas da região a investirem no desenvolvimento do turismo local relacionado ao vinho, à cultura e tradição, com o desenvolvimento de numerosas atividades relacionadas a estas, tais como hotelaria (hotéis, pousadas), gastronomia (restaurantes, fabricação artesanal de produtos típicos), enologia e a história da imigração italiana.

A utilização de IG como meio de proteger o ativo dos produtores é estratégico para o Brasil, pois é um país com grande variedade de territórios com potencial para produzir produtos com identidade própria e para ocupar espaços em mercados cada vez mais exigentes em termos de produtos e qualidade.

5. Considerações Finais

A união entre a tradição do conhecimento dos imigrantes italianos da região de Urussanga e a uva Goethe, permitiu a produção de um vinho diferenciado, com identidade própria. Para alcançar maior reconhecimento nacional, os produtores da Região de Urussanga se associaram e criaram a ProGoethe. Buscaram o apoio do Sebrae e da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) para solicitar a primeira Indicação Geográfica (IG) do Estado de Santa Catarina, com intuito de agregar valor e promover uma melhoria na geração de renda de seus associados e o desenvolvimento local. Os vinhos são reconhecidos como típicos e tradicionais da região, decorrentes das suas condições específicas de clima e solo, profundamente relacionadas com a cultura e tradição da colonização local.

Se a agricultura deve agregar valor e gerar riqueza, as indicações geográficas constituem-se em uma opção concreta para uma nova etapa de desenvolvimento do agronegócio brasileiro, por meio de uma nova geração de produtos típicos e tradicionais, com qualidade diferenciada, podendo atender o mercado nacional e internacional. Assim, para os produtores-associados, a obtenção da IG pode ampliar mercados, agregar valor aos produtos, gerar de mais empregos, movimentar a economia local, mas também preservar o saber fazer, permitir que os produtores continuem no campo e que haja uma expectativa para seus filhos e

netos sem que estes precisem ir até a cidade para sobreviver. Consequentemente, possibilita-se a promoção de um desenvolvimento sustentado dos Vales da Uva Goethe.

Portanto, a grande importância do reconhecimento das indicações geográficas nas pequenas localidades, é possibilidade de sua atuação como instrumento de desenvolvimento da economia local. Para essas pequenas regiões menos desenvolvidas, o reconhecimento de uma IG, é uma alternativa de inserção no mercado face a impossibilidade dos pequenos produtores competirem com as grandes empresas, principalmente as do *agrobusiness*.

Referências

- BRASIL, LEI 9.279, de 14 de maio de 1996 (Código de Propriedade Industrial). Regula direitos e obrigações relativos à propriedade industrial. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Leis/L9279.htm>.
- BRASIL, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. *Curso de Propriedade Intelectual & Inovação no Agronegócio*. Organização: Luis Otávio Pimentel. 2ªed. rev. e atual. Brasília: MAPA; Florianópolis: EAD/UFSC, 2010.
- BRUCH, K.L. *Signos distintivos de origem: entre o velho e o novo mundo vitivinícola*. Tese de Doutorado, PPDG/UFRGS, Porto Alegre, 2011.
- BUAINAIN, A.M.; BATALHA, O. *Cadeia produtiva de frutas*. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Secretaria de Política Agrícola, Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura; Antônio Márcio Buainain e Mário Otávio Batalha (coordenadores). – Brasília: IICA, MAPA/SPA, 2007 (B) (Agronegócios; v. 7)
- CERDAN, C.; BRUCH, K.L.; SILVA, A.L.; COPETTI, K.C.; LOCATELLI, L. Indicação Geográfica de Produtos Agropecuários: importância histórica e atual. In: BRASIL, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. *Curso de Propriedade Intelectual & Inovação no Agronegócio: Módulo II, Indicação Geográfica*. Organização: Claire Marie Cerdan, Kelly Lissandra Bruch e Aparecido Lima da Silva. 2ªed. rev. e atual. Brasília: MAPA; Florianópolis: EAD/UFSC/FAPEU, 2010.
- DALCIN, M. S. *Vale dos Vinhedos: história, vinho e vida*. Bento Gonçalves: MSD Empreendimentos Culturais; Gráfica Pallotti, 2008.
- FAO. Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação. Disponível: <https://www.fao.org.br/>. Acesso: 10mar2011.
- GUERRA, C.C.; MANDELLI, F.; TONIETTO, J.; ZANUS, M.C.; CAMARGO, U.A. *Conhecendo o essencial sobre uvas e vinhos*. Documento 048. Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2009.
- IBRAVIN. Instituto Brasileiro do Vinho. Disponível em: <http://www.ibravin.org.br/>. Acesso em: 29 mar 2012.

INPI, Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Disponível em: <http://www.inpi.gov.br/>. Acesso em: 20 abr 2012.

MAPA. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/>. Acesso em: 28 fev 2011.

PROGOETHE, Associação de produtores da uva e do vinho Goethe. Disponível em: <http://www.progoethe.com.br/>. Acesso em: 20 abr 2012.

REBOLLAR, P.M.; VELLOSO, C.Q.; ERN, R.; VIEIRA, H.J.; DA SILVA, A.L. *Progoethe: Vales da Uva Goethe*, Urussanga: Editora Progoethe, 2007.

SILVA, J.A, et al. *Relatório técnico 1 - delimitação e caracterização dos Vales da Uva Goethe*. Universidade Federal de Santa Catarina – Centro de Ciências Agrárias, Departamento de Engenharia Rural, 2011, mimeo.

VELLOSO, C. Q. *Indicação geográfica e desenvolvimento territorial sustentável: a atuação dos atores sociais nas dinâmicas de desenvolvimento territorial a partir da ligação do produto ao território (Um estudo de caso em Urussanga, SC)*. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias. Florianópolis, 2008, 166 f.